

A MANHÃ

DIÁRIO REPUBLICANO

Fundado pelos antigos redactores de O MUNDO

Redacção, administração e officina de composição (provisoriamente), Largo Tamariz, 28, 1.º
Impressão, RUA DA BICA, 71
Telefone 840—Central

Assinaturas—Portugal, colónias portuguesas e Espanha, assinatura anual, 3000 réis semestral, 1800 réis trimestral, 500 réis mensal. Outros países da União Postal, assinatura anual, 7500 réis. Arrendamentos e comunicados—Preço convencional.

REDACTOR PRINCIPAL, Luís Dourado—SECRETÁRIO DA REDACÇÃO, Gregório Fernandes—EDITOR, José Luis Coelho Serrão. PROPRIEDADE DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE. NUMERO AVULSO: 1 CENTAVO

SOBRE OS ACONTECIMENTOS

O QUE DECLARA O GOVERNO

A convite do sr. ministro da justiça reuniram ontem á noite em sua casa os representantes dos jornais de Lisboa, a quem aquele membro do governo, em nome de todo o ministério e pondo previamente de parte toda e qualquer suspeita de exploração política, expôs o que sobre a grave situação do momento o governo julga útil tornar conhecido do publico, tão sómente para esclarecer os seus intuitos e a obra já feita e em vespuras de effectivar-se sobre a momentosa questão das subsistências—a falta de pão em primeiro lugar.

Frizou em primeiro lugar o sr. dr. Alexandre Braga quanto era lastimoso dar neste momento ao mundo um exemplo de situação anárquica que outros países não tem dado, mesmo neutrais, embora muito mais feridos pelas consequências da guerra do que o nosso o tem sido.

Bem sabe que os pretextos invocados para explicar este movimento são até certo ponto sympathicos, mas os que assim vêem as coisas dão alento a um movimento absolutamente estéril e dos piores resultados para a situação internacional do país. Posta assim logicamente a questão nos seus claros e precisos termos e para dar toda a tranquillidade possível aos bem intencionados, que naturalmente se alarmam com as circumstancias, julgou o governo conveniente tornar conhecidos os seus intuitos sobre a questão e expôr o que se tem feito em materia de subsistências para elucidação necessaria da opinião publica. Uma das principais razões por ela invocadas como argumento de ataque aos que no assunto superintendem tem sido a da imprevidencia do anterior governo, que devia ter procurado evitar as circumstancias actuaes.

Sobre este ponto ha que considerar factores de varia natureza. Ha quem pense que deviamos prevêr a duração da guerra. Ora, a verdade é que dia a dia, hora a hora, a guerra tem-nos trazido surpresas que, evidentemente, tem conduzido ás mais imprevisas consequências. O agravamento da guerra submarina tem sido uma d'elas, e de uma importancia capital digna de ponderação.

O exemplo vem-nos da propria França, que tendo feito em julho passado simples compras de trigo, que pagou ao continuo, na Australia, no Canadá, na Argentina, mas dos Estados Unidos, da Russia e d'outros pontos, só dos mezes do ultimo trimestre d'este anno, espera receber (e ainda muito problematicamente) o primeiro carregamento.

Na França, como na Inglaterra, o fornecimento de pão está sendo feito por meio de rações, e o mesmo se dá em alguns países neutrais, como a Suíça.

Este fixou a ração de pão, por cabeça e por dia, em 250 gramas. A Inglaterra fixou-o em menos, 220 gramas apenas, e de um pão pessimo e caro, sendo expressamente prohibido ás casas de comidas exceder essa ração.

Confronte-se esta sensata medida, ditada pelas terriveis circumstancias do momento, com o que entre nós se passa e não ha outro remedio senão curvarmo-nos á evidencia dos factos. Assim, no Alentejo, por exemplo, os que tem trigo sufficiente para seu consumo, resolveram fazer um fornecimento de um quilograma por dia, muito mais que na Inglaterra e na Suíça.

Depois da guerra o consumo normal entre nós aumentou enormemente, atingindo uma média de mais de 260.000 quilogramas por dia, sem contar com a manipulação da Manufacção Militar, e q que consomem as crianças, os doentes, etc., o que tudo somado não anda muito longe de uma média de 600 gramas diarias por pessoa.

Urge, pois, mostrar ao povo a gravidade da situação, que não é exclusiva a Portugal, e demonstrar-lhe que não tem havido imprevidencia como não ha, da parte do governo, desprezo pela situação, na verdade muito difficilissima.

Em que tem, pois, consistido a acção governativa sobre a questão das subsistências e transportes?

O que tem elle feito e que pensa fazer ainda?

Tais são os dois pontos principais do problema, assim esclarecido pelo ministro:

Tem actualmente o governo em Moçambique 250.000 toneladas de milho, parte do qual vem já a caminho, estando tres navios actualmente a carregar outra porção. Para trazer esse milho ao nosso mercado fixou-lhe o governo o preço de 9 centavos por quilograma, posto em Lisboa.

Em Angola temos tambem grande quantidade de milho a obter nas mesmas condições, que o vapor *Mormugão* vai em breve buscar.

Estão ainda comprados dois carregamentos de trigo na America do

Romper d'A MANHÃ

Harmonia Iberica

A «Liberdade» escreveu, e o «Dia» reproduziu e comentou jubilosamente, que «nada de se esticar a corda patriótica até os limites de um chauvinismo ridiculo». Essa acaciação recommendação vinha a proposito dos reparos que o Congresso de Sevilha provocou na «Manhã» e em outros jornais. Melhor seria que a «Liberdade» e o «Dia» nos declarassem se estão de acordo em que se faça a fusão das colectividades scientificas dos dois países, como um telegrama do «Seculo» referia que era disposição dos membros do Congresso. Isso é que teria valor, como definição de um genuino estado de alma muito para admirar.

Tambem seria conveniente que os dois jornais se pronunciassem sobre a nomeação, feita pelo sr. bispo da Guarda, de um padre espanhol para parochiar uma freguesia portuguesa. Aplaudem? Aham natural os dois factos?

Toda a gente sabe que o autor da campanha da chamada «harmonia ibérica» é o sr. Felix Lorenzo, director do jornal madrileno «El Imparcial». Pois bem. O sr. Felix Lorenzo, num livro que publicou ha dois anos, afirmou a sua opinião de que Portugal e Espanha appareceriam um dia unidos e ainda fundidos perante o mundo. Esta coincidência não merece ao «Dia» e á «Liberdade» nenhuma reflexões, mesmo depois do director da folha madrilena julgar o Congresso de Sevilha como o inicio pratico da aproximação dos dois países?

Sobre estes pontos é que desejaríamos ouvir uma opinião clara e categorica. Quanto ao resto, os comentarios que o «Dia» pretende tornar ironicos, falando em «republicanos patriotas» e em «patenas gerais» revelam na nossa indifferença como grãçolas de mau gosto.

Doutrina curiosa

Vemos apresentada num jornal a curiosa doutrina de que não se deve prohibir o corte de oliveiras, porque cada lavrador lá sabe o que faz. Está visto. Se se cortarem todas as oliveiras do país e para o ano não tivermos uma gota de azeite, toca a pôr as mãos na barriga e a consolarmo-nos com a ideia de que os lavradores lá souberam o que fizeram. E' espantoso que isto se afirme, quando já ha muito tempo o governo ou o poder legislativo deviam ter evitado o corte de oliveiras que se está fazendo por esse país, com grave risco nacional.

Resposta errada

Os jornais devem ter referido com inexactidão a resposta dada pelo sr. dr. Abilio Marçal, relator do orçamento do ministerio do interior, aos guardas civicos que lhe pediram um aumento de vencimentos. De facto, segundo vemos, o sr. dr. Abilio Marçal feriu dito que a comissão do orçamento resolveu não aceder a nenhuns pedidos de melhoria de situação de funcionarios publicos «enquanto durasse o estado de guerra». Com certeza, o que aquele deputado respondeu foi que a mesma comissão ia tratar de aumentar os vencimentos dos mais modestos servidores do Estado pelo menos «enquanto durasse o estado de guerra». Assim é que deve estar certo. Porque, depois da guerra, perdendo a carestia da vida o caracter alarmante que hoje assume, mais facilmente é dispensada a melhoria de situação. Agora é que não sabemos como muitos funcionarios conseguem aguentar-se mesmo para morrer de fome a prazo lento.

O nosso editorial

«A Manhã» não publica hoje, apesar de escrito, o seu habitual artigo firmado por Mayer Garção. Qualquer accidente occorrido certamente ao portador do respectivo original, no caminho de casa deste nosso colega para esta redacção, impediu-nos de o fazermos, o que muito lamentamos.

A GALERIA DA «MANHÃ»

OS MILITARES PORTUGUESES NOS CAMPOS DA BATALHA



Capitão de infantaria Virgíno de Azevedo Costa

O vapor «Gil Eanes»
BREST, 19.—Os officiaes inferiores do cruzador auxiliar «Gil Eanes» chegaram bem e saudam as suas familias.

SUSPENSÃO DE GARANTIAS

Como consequencia dos factos graves que se estavam passando na cidade o governo, após a reunião do conselho que se effectuou no ministerio das finanças, deliberou a publicação, na folha official, que ontem mesmo, pelas 18 horas, foi distribuida, do seguinte diploma:

Presidencia da Republica

DECRETO N.º 3:150

Considerando que na noite de ontem para hoje e já durante o dia de hoje têm acontecido em Lisboa graves factos de perturbação interna, e que se torna indispensavel adoptar immediatamente providencias excepcionais para a manutenção da ordem na cidade de Lisboa e seu termo, não havendo possibilidade de esperar pela resolução directa das duas Cãmaras Legislativas sobre o assunto; Usando das facultades concedidas ao Poder Executivo pela Constituição Política da Republica Portuguesa, n.º 16.º do artigo 26.º e n.º 6.º do artigo 47.º e pelas leis n.ºs 491 e 523, de 12 de Março e 4 de Maio de 1916:

Hei por bem, com o voto do Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' declarado o estado de sitio na cidade de Lisboa e concelhos limitrofes, com suspensão total das garantias constitucionais, sómente pelo periodo de tempo necessario para que possa pronunciar-se o Congresso da Republica.

Art. 2.º Este decreto entra immediatamente em vigor. Os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 20 de Maio de 1917, ás dezassete horas.—BERNARDINO MACHADO—Afonso Costa—Artur R. de Almeida Ribeiro—Alexandre Braga—José Antonio Arantes Pedrosa—Augusto Luis Vieira Soares—Herculano Jorge Galhardo—Ernesto Jardim de Vilhena—José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães—Eduardo Alberto Lima Basto.

Pelas 21 horas procedeu-se á affixação, nos lugares publicos do costume, do seguinte edital emanado do comando da 1.ª divisão militar:

Republica Portuguesa

EDITAL

Antonio Julio da Costa Pereira de Eça, general comandante da 1.ª divisão do exercito:

Faço saber que, tendo sido suspensas as garantias e tendo-me sido incumbido o governo militar da cidade, determino e mando publicar o seguinte:

- 1.º E' garantida a segurança das pessoas e a da propriedade de todos os cidadãos pacificos.
- 2.º São prohibidos ajuntamentos, usando-se de toda a violencia contra os que resistirem.
- 3.º O transito de pessoas pelas vias publicas é prohibido desde as vinte e tres horas até ás cinco, salvo casos de urgencia, como doença e incendio, e ainda por occasião de desembarque de comboios.
- 4.º O transito de veiculos para transporte de pessoal e de carga far-se-ha livremente, sendo-lhes, porém, absolutamente prohibida a paragem em qualquer praça ou rua, a não ser pelo tempo indispensavel para receber ou largar passageiros ou carga.
- 5.º Todos os estabelecimentos devem estar fechados ás vinte e uma horas, sendo no entanto permitido ás farmacias abrir as suas portas quando forem requisitados os seus serviços.
- 6.º Os espectaculos publicos não poderão funcionar hoje.
- 7.º Todos os transgressores destas disposições serão punidos como desobedientes á lei.

Quartel General em Lisboa, 20 de Maio de 1917.

Antonio Julio da Costa Pereira de Eça, General.

NO «FRONT»

O exercito português louvado com as mais altas honras

«A sua incansavel energia — Granadeiros e atiradores de «elite»

LONDRES, 20.—O correspondente especial da Agencia Reuter na linha de combate de Oeste descreve a interessante e simples cerimonia que se realizou ontem de manhã: «Tratava-se da inspecção a um batalhão português que, tendo terminado o periodo do treino intensivo, estava apto para ir para a linha de fogo. Os soldados tinham um aspecto muito vigoroso e marcial e o seu elegante uniforme cinzento azulado e o seu equipamento pratico foram alvo da admiração geral. Os officiaes britannicos associados ao contingente português durante o seu transito em França são unanimes em declarar o elevado grau em que consideram os soldados portugueses, pela sua incansavel energia e em particular pela sua eficiencia como granadeiros e atiradores de «elite», bem como patrulheiros. Num recente concurso de leitura de cartas foi um oficial português quem alcançou o primeiro premio. A artilharia e a cavalaria atraiu sobre si a admiração dos criticos mais exigentes quer pela qualidade de cavalos quer

pelos bons «calções» que dela fazem parte. Este contingente constitue uma preciosa adição ás forças dos aliados na linha occidental, e esta organização, que nada deixa a desejar, é completamente notavel. Vi ontem os soldados de engenharia portuguesa estabelecerem uma linha telefonica, em grande pressa. Os portugueses tem os seus transportes, comboios e ambulancias, assim como peças de campanha, e ao que pude averiguar a unica parte do equipamento que nos foi pedida foi espingardas e capacetes. Tenho hoje muito maior confiança nestas tropas do que quando as vi ha quatro mezes. Pode-se contar que os portugueses se hão de distinguir quando se encontrarem frente a frente com os «boches».

Nota officiosa

Do ministerio da marinha comunicam-nos esta madrugada a seguinte nota officiosa:

E' destituída de todo o fundamento a noticia propalada por miseraveis agitadores de que tinham sido mortos tres marinheiros nos tumultos que se deram de tarde. Tanto a marinha como o exercito mantem-se nos seus postos na mais calma disciplina.

A NUNCIATURA EM LISBOA?

ROMA, 19.—O *Messenger* afirma que o papa prepara grandes novidades no mundo diplomatico, contando-se entre elas o restabelecimento da nunciatura em Lisboa, pelo que monsenhor Aloysi Masella será nomeado cardeal, a fim de ocupar esse cargo, no intuito de renovar o prestigio e as boas relações da Santa Sé com Portugal.

ENCANTANDO A CANTAR

TITO SCHIPA, MARAVILHA DO TIMBRE

A sua pura qualidade de voz absoluta—O seu metodo ante os seus absolutos recursos naturais—A sua profunda expressão

Capaz de ouvir e de entender estredizer doidismo—e que até reformam na sua base essencial o Belo Sonico, inventando a sua musica anti-graviosa sença quadratura rítmica.



Tito Schipa (Retrato inedito que nos foi gentilmente cedido).

Impôntes proscriptores, como contra eles se levanta a pulverizadão o bom raciocinio depois do melhor sentido! Desprezar todo um passado de criação musical em holocausto a tão abstrusa teoria seria um crime que entraria até no ambito das eternas abominações do espirito. O nosso eclectismo ha de extramar em todos os periodos, transições, escolas e generos o que possa valer como agente superior de emoção artistica, mesmo que se contenha só nos precarios limites da regra básicas. As vozes da modernissima sinfonia não poderão, assim, apagar a voz do cantor quando ella seja magnifica; e as grinaldas que enfloram as glorias ultimas das maravilhas da orquestra são as que servirão já a apoteosar altissimos exitos do canto lirico e agora podem preitar os seus renovados talentos, bem como dantes o mesmo aplauso abrangia o dom do rapsodo e os seus hinos, porque sempre a voz humana ha de ser o genio que profere a vida. Corolario são estas palavras de que nenhum criterio transcendente da evolução da arte musical nos fará banir o cantor ou não lhe consagrará estas enlevadas considerações quando elle appareça com o elemento magnifico de posse vocal e de suggestão emocionante que vibra em Tito Schipa.

Falámos da sua figura considerada em relação ao poder essencialmente emotivo de um grande cantor. Vamos referir-nos em apreço material á sua voz, ao seu processo de canto e á sua conduta scenica.

No illustre tenor a beleza do canto não procede das formulas algumas vezes recocós do bel-canto; origina-se na perfeita intelligencia da expressão das palavras e o seu sentido sentimental com o recurso sempre pujante da voz e das suas belas nuances. Observando-a apuradamente encontra-se nessa voz o tipo lindissimo da voz aberta, farringue, de timbre supremo, de duração excessiva, de força justa, de tom impecavelmente certo. E' o padrão das qualidades de Caruzo e Anselmi, mas que em Schipa ha de ter mais triunfante futuro. E' estranha e rara a sua voz pela sua nitidez, ímcula como a do «campo de luminosidade» de um cristal de Georç; é estranha e rara a sua voz, pela sua campana de ouro, vibrantisima, principalmente quando passa ao seu bello fastigio de agudeza, para além das oitocentas e setenta e seis monodas acusticas do lá natural. E a sua



O grande tenor na parte de «Duca di Mantua» do «Rigoletto».

energia e a sua rapidez e a sua cord! Onde ha expressão de movimento, brinqueado de vocalis, graça de gruppette que elas não dêem portentosamente! Toda a formosa floritura de Rossini tem por isso um interprete justo em Schipa, que pode ser muito bem o tenor ligeiro como o tenor dramatico, dando os seus sobejantes recursos para todas as categorias classicas do seu naipe vocal. E a sua mezza voce! Que auge de suavidade, de constancia e de pureza! Nela se observa quanto Schipa atingiu em perfeita impositação e quanto a organização unica das suas cordas vocais pode dispensar essa mesma impositação, valendo-se sempre que entenda do triunfo da sua intrinseca natureza sobre o auxilio da escola! E' ouvir-lhe a bonitissima canção do «Barbeiro», Se il mio nome saper voi bramate ou o signo da «Manon», para se constatar o que dizemos. Mas atente-se ainda na sua prodigiosa abertura. Gaurre-branqueava sempre a sua voz. Schipa,

